

# Processo de formação e a questão da análise na formação do analista<sup>1</sup>

Camila Longman Campos Brasileiro,<sup>2</sup> São Paulo

Agradeço o convite do *Jornal de Psicanálise* para refletir sobre nosso processo de formação na SBPSP e, mais especificamente, sobre a questão da análise na formação do analista.

Penso que a análise é pedra estrutural do processo de tornar-se analista. Escolhi essa profissão por ser uma defensora da análise em si, para qualquer um, pois acho que é um trabalho que permite às emoções ecoarem e encontrarem lugares de elaboração/ligação. E isso tem um valor inestimável: auxilia para que possamos viver melhor e conviver com as tensões que nos habitam. A análise do analista é, então, crucial. Pois é nela que cada um de nós poderá deparar-se com os núcleos mais infantis e conflitivos que, se não olhados ou pensados, podem ser projetados na relação contratransferencial que vivenciamos no dia a dia de nossos consultórios.

Dito isso sobre a análise, ao ler esta edição do *Jornal*, pensei em comentar como ressoaram em mim as reflexões sobre a análise do analista ou as interessantes provocações sobre *forma*, *desforma*, *deformar*, propostas pela equipe editorial.

Adorei a epígrafe do texto editorial de Berta Hoffmann Azevedo com a citação de Manoel de Barros: “Deus deu forma. Os artistas de(s)formam. É preciso desformar o mundo. Tirar da natureza as naturalidades” (Azevedo, 2022, p. 13).

A criatividade humana talvez esteja justamente na perspectiva de de(s) formar. O instinto é a forma inata, repetitiva de reação. A pulsão já é a desforma daquilo que seria visto como natural. Pulsão tem maleabilidade, diferentes intensidades, diferentes objetos e é o que nos permite criar as diversas formas de viver. Sendo assim, podemos brincar com a ideia de que o pulsional, o intrinsecamente humano, já é a desforma do instinto.

Fiquei pensando na ideia de desformar ou (de)formar na grafia escolhida pelo *Jornal*, em oposição à ideia de deformação em seu sentido mais pejorativo,

1 Este texto foi apresentado no evento de lançamento do n. 103 do *Jornal de Psicanálise*, em março de 2023.

2 Membro filiado do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

do senso comum, que o Luiz Meyer menciona em parte de seu texto, no sentido de destruir, de perder a essência. Algo que o touro de Picasso não perde ao longo das variações dos desenhos. O touro mínimo ainda é um touro.

Há uma grande parcela de conservadorismo, tema atualíssimo, que vê com maus olhos a mudança, prefere manter estático o que “supostamente se julga natural”. Acho que o desformar criativo pode tirar da natureza sua naturalidade, como diria Manoel de Barros, mas ele também pode abalar a ideia de estabelecido, daquilo que muitas vezes seria visto como “o correto”. A deformação criativa seria, então, um pensamento fundamental para refletirmos sobre o mundo atual em temas como racismo, transfobia, machismo, assuntos com os quais tanto nos deparamos hoje em dia. Aquilo que supúnhamos natural já é o socialmente construído. Sendo assim, é um caminho possível, todavia, não o único a ser seguido.

Mas, voltando às questões da formação analítica, acho que se nos consideramos abertos à possibilidade de pensar os modelos vigentes, duas ideias serão cruciais para nortear nosso pensamento. De um lado, o que é essencial e que, portanto, de alguma forma deve permanecer, independentemente de qual seja o seu formato. E de outro, o quanto deformar/desformar o modelo vigente tem de criativo, de inovador, de disruptivo.

Acompanhando essa discussão na leitura dos textos do *Jornal*, vemos que existe algo próprio da psicanálise que contém a ideia de deformação: ela é própria do inconsciente, do sonho. O aparelho psíquico deforma o conteúdo inconsciente como defesa, sim, mas também deforma para dar sinais (por exemplo, no caso dos atos falhos) e para encontrar soluções de compromisso possíveis. Como diz Daniel Delouya em seu texto, a deformação pode ser vista como “a fábrica da vida psíquica” (2022, p. 46), remetendo-se à deformação onírica de Freud. Para ele, e eu assino junto, a deformação é plasticidade e emolduração: criação psíquica.

O *Jornal* nos propõe pensar a psicanálise em um tempo e um espaço. Como disse a Berta, “nunca chegou o momento de que, ‘bem-acabada’, a psicanálise pudesse ser transmitida sem inquietações”. E, seguindo seu texto, o próprio Freud foi reformulando sua teoria “quando não acreditou mais em sua neurótica, quando precisou reconhecer algo ‘além do princípio do prazer’”. E também quando “outros autores precisaram interrogar a clínica da psicose, a psicanálise de crianças” (Azevedo, 2022, p. 14).

E agora, entrando mais especificamente no tema da análise didática, eu acredito que o estatuto desse tipo de análise deve ser chacoalhado nesse novo tempo. Eu pessoalmente sempre fui crítica dessa imposição das quatro vezes por semana. Fiz a aposta de entrar nesse mergulho e quem sabe até modificar minha

sensação ao longo dos anos, mas, hoje, prestes a finalizar os cinco anos de análise, sinto que minha sensação inicial de aprisionamento com a frequência segue sendo real, e sinto que, com essa imposição, o meu desejo e a sensação da necessidade de estar ou não numa sessão de análise não foram privilegiados nesse processo. Veio como uma regra, e já que é assim, eu a aceitei. E há um certo conformismo nessa postura. Mas acho que só assim foi possível seguir. Conservadorismo, talvez? Mas talvez também haja uma certa deformação e, nesse caso, no sentido negativo do termo, um desvio do essencial, da sensação de desejar estar em análise.

Claramente sou favorável à análise de alta frequência para a formação de um analista, mas acredito que, se serão três, quatro ou cinco vezes, essa é uma decisão que deveria ser tomada pela dupla. Questão muito debatida nos relatórios do Congresso de Atibaia e que causou muita tensão grupal.

Delouya, em seu trabalho, remete-se ao “Projeto” de Freud para fazer uma analogia do adulto como uma “para-excitação” dos impulsos vivenciados pelo bebê, contendo e auxiliando por meio da nomeação a ligação das pontas soltas da disjunção pulsional. Segundo o autor, “a análise é uma reabertura dessas vias do trabalho do adulto” (2022, p. 49). A linguagem faz a função de ligação (Delouya, 2022, p. 50), e nesse sentido a análise de alta frequência é aquela que pode propiciar àquele que vem a ser analista a possibilidade de ligar/implicar/conhecer ao máximo seu funcionamento psíquico. E, ao mesmo tempo, “evitar que a pulsão à repetição se instaure”. Para que as não ligações do analista não sejam repetidas no paciente, é preciso trabalhar ao máximo em nossas análises.

No texto da Dora Tognolli (2022, p. 112), vemos, entretanto, uma citação bonita de Freud em que ele menciona que a análise deveria ser encarnada no próprio corpo e na alma de cada um. Eu fico pensando o quanto essa imposição rígida faz com que a análise encontre maior dificuldade para ser encarnada no próprio corpo. Voltamos à questão do desejo da análise, em oposição à imposição externa das quatro por semana.

“Ah, mas quem busca formação deve desejar a análise!” Isso também foi dito no Congresso de Atibaia. Não seria esse o natural da psicanálise e de quem busca ser psicanalista? E eu pergunto: natural para quem? Uma pergunta como essa faz com que aquele que se sente desconfortável com o modelo imposto seja visto como antinatural, deformado, no sentido negativo da palavra. Ou será que isso não seria também uma imposição a ser problematizada, escutada, e desformada? Análise do analista, sim, sem dúvida: mas quantas vezes, em que momento da formação? Há alguma liberdade para a apropriação dessa vivência? Todas são perguntas possíveis e necessárias.

Ao refletir sobre essas questões que ressoam em mim, após a minha própria experiência de formação e após a leitura dos relatórios do Congresso de Atibaia, saliento as seguintes.

Vejo muitas deformações prejudiciais na manutenção desse modelo rígido da análise didática. Em primeiro lugar, o tripé (ou os quatro eixos) da formação acaba ficando manco, não no sentido da formação continuada, mas no sentido de que muita gente acaba por eleger um dos vértices a cada momento. No meu caso, e escutei o mesmo de outros colegas, tive que esperar para fazer a supervisão só depois de terminar a análise, devido a questões financeiras. Era impossível para mim pagar as duas contas. E isso já não seria uma certa deformação da proposta inicial, de que os três (quatro) eixos pudessem ocorrer simultaneamente e conversar entre si? Não seria a imposição de uma regra rígida que distorce a proposta ou o modelo?

Outra discussão que surgiu nos relatórios do Congresso é que mesmo com a norma estabelecendo quatro vezes, na prática, a análise acaba ocorrendo três vezes por semana. Isso é fato, é real, ocorre. Essas talvez sejam forças disruptivas que, em vez de serem encaradas como “corrupções a serem levadas ao conselho de ética” (comentário que está em um dos relatórios), poderiam ser encaradas como uma movimentação nas entranhas do sistema, e que talvez elucidem um movimento que já está em curso. Imagine que isso estava em pauta em 2007, época do Congresso, e dezesseis anos depois temos as mesmas questões, dado que a norma não pôde ser flexibilizada. Vejo isso mais como algo da ordem do disruptivo do que do corruptível: seria a contracorrente já surgindo e ganhando uma certa estabilidade às margens do estabelecido. Muitas vezes são situações como essas que instauram quebras de paradigmas.

A questão do segundo relatório, no qual também se propõe que seja feito com um paciente em atendimento quatro vezes por semana, também me parece uma regra que soa meio distante da realidade da clínica de muitos membros filiados.

Se eu fosse sonhar com uma formação ideal, pensaria em um lugar em que você começa a formação, tem o contato com muitos possíveis analistas didatas/membros efetivos (caso estes últimos também pudessem ser), e só então escolheria seu analista. Essa questão de não conhecer o analista sempre me intrigou. Por que não aproveitar a força da instituição para que a escolha do analista possa se dar motivada pelo desejo de se analisar com essa pessoa? Seria usar a instituição a nosso favor.

Eu acredito que meu processo de análise tenha tido bastante influência dessa carga de enrijecimento que a norma nos impunha. Sigo achando que as quatro vezes por semana são um exagero. Não me dava tempo para decantar os

*insights* vivenciados e, ao mesmo tempo, gerava uma certa sensação de excesso que por vezes desvalorizava o tempo que tínhamos em conjunto.

Tenório cita em sua aula inaugural o poema de Drummond o “Tempo de homens partidos”: “todos nós temos contato com esse seccionamento e multiplicidade da personalidade” (2022, p. 285).

Eu sinto que tive de fazer a formação “partida”, tive de separar, não integrar alguns aspectos, ou seja, parar de brigar e de querer unir algo que me parecia um paradoxo, um nó dentro do processo. Apartando, pondo de lado as insatisfações com a análise didática, a análise em si funcionou melhor. Mas não seria isso uma deformação negativa do processo analítico? Perde-se um pouco o contato com a coisa viva. Como diz Tenório: “Psicanálise é poética porque é criativa: um universo estético da liberdade de pensamento” (Lima, 2022, p. 290).

Acredito que essas regras engessam a liberdade criativa da dupla.

E, para finalizar, voltemos à Carta-convite. Nela vemos uma citação do litógrafo que acompanhou a composição da obra de Picasso e que diz: “É curioso, ele terminou onde normalmente deveria começar” (Azevedo et al., 2022, p. 17).

Isso me dá a sensação de que minha análise começou quando já se aproximava de poder terminar, caminhando um pouco por esse processo de ir deixando de lado a instituição. Fico pensando o quanto essa norma rígida impede que os esboços e as criações finais de nossos desenhos sejam feitos com autorialidade pela dupla analítica.

## Referências

- Azevedo, B. H. (2022). Editorial. Psicanálise em (de)formação. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 13-15.
- Azevedo, B. H. et al. (2022). Carta-convite. Psicanálise em (de)formação. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 17-20.
- Delouya, D. (2022). Da exigência de deformação na formação. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 45-58.
- Lima, L. T. O. (2022). Por uma ética da formação em tempos sombrios. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 283-291.
- Tognoli, D. (2022). Deformando-nos... resistiremos. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 107-121.

Camila Longman Campos Brasileiro  
camilabrasiliano@gmail.com